Sábado 23 de outubro às 20:40

Era uma noite comum na zona leste de São Paulo. Como em qualquer final de semana que se preze havia música e dança , os sons das festas, que vinham de quase em toda parte, se misturavam com os sons das pequenas missa e pessoas dormindo ou assistindo TV em casa.

Mas apesar do clima de festa havia um problema. Talvez você não notasse em meio às danças e festa, pois estava em um recanto mais calmo da cidade em um pequeno apartamento próximo a avenida Itaquera. Daquela pequena morada nenhuma ave sequer sonhava em se aproximar naquela noite, assim como os gatos e animais que moravam no restante do prédio que começavam a guinchar e correr como se quisessem fugir daquele maldito lugar. As crianças e adultos do prédio não conseguiam dormir, ao fechar os olhos sentiam-se submersos em pesadelos tão vividos quanto a realidade do quarto em que repousavam.

Mas estes ainda estavam com sorte por não estarem no quarto andar do prédio. Neste pequeno lugar suntuoso todas as janelas estavam abertas e um frio que queimava a alma entrava por todas as janelas, Jogando todo o andar em uma letargia e lentidão mórbida. O mais estranho era o cheiro do lugar que ia em encontro a porta de número 35 , cheirava a cigarro barato misturado com o cheiro o mais pútrido de enxofre.

O apartamento 35 era luxuoso e refinado, destoando de todo prédio desde as cores vivas das paredes quanto o piso adornado e límpido. Porém a beleza não importava , pois Ela não conseguiria ocultar o que acontecia naquele lugar, havia um rastro de sangue pela entrada que levava até a cozinha e ia em direção aos dois homens que lá estavam. Um deles - um homem velho por volta de quarenta e cinco anos ,com barba longa e sem nenhum fio de cabelo na brilhante cabeça tom de papel enegrecido – jazia em uma cadeira com pequenas amarás de couro prendendo suas pernas e pulsos, enquanto sua cabeça pendia para o lado em um estado de inconsciência profunda , marcada com um corte profundo na temporã direita que sangrava de forma incansável. O outro homem - usava um sobretudo azul desbotado sobre uma camisa branca com algumas manchada, tinha uma grande cabeleireira negra e olhos profundamente escuros apesar do tom castanho que os envolvia – estava em pé com um pequeno cigarro acesso nos lábios ,fumava de forma calma e lenta apreciando aquele tempo esperando aquele homem inconveniente que estragara seu final de semana acordar.

A cada segundo que se passa mais uma gota de sangue caia da testa do homem, enquanto ele tremia na cadeira como se tudo que houvesse a sua volta fosse um frio cáustico e um mar de dor lancinante. Lentamente começou a abrir os olhos que instantaneamente se fecharam devido a luz incomoda do lugar.

- Pensei que você não ia acordar mais hoje Elliot – disse o homem de sobretudo, tirando o cigarro dos lábios e o colocando em um cinzeiro na mesa.

Lentamente o homem tentou lembrar onde estava, ainda desnorteado e com uma consciência pouco precisa do mundo que o cercava, assim como da voz que havia entoado seu nome. Abriu os olhos novamente ,dessa vez de forma lenta e tentando se acostumar gradativamente com a luz, depois de alguns instantes finalmente consegui contemplar o mundo a sua volta e o homem a sua frente. Primeiramente negligenciou o homem, ainda tentando se situar, olhou para os lados notando que estava em seu apartamento. Com a mente um pouco mais clara tentou se levantar, mas não consegui notando finalmente as correias que prendiam suas pernas e braços.

- Mas o quê? – perguntou ele , tentando forçar as amarás para que se soltassem e começando a se debater em Pânico.

- Essa é só uma precaução, amigo – disse a voz sedosa e com um requinte de satisfação do homem do outro lado da mesa.

A atenção de Elliot foi direcionada de súbito para aquela figura desconhecida que estava sentada em sua melhor cadeira com um sorriso de escarni no rosto. Não consegui reconhecer o homem e não fazia ideia do que estava acontecendo, mas tentou se controlar e manter o medo que o enxia cada vez mais não transparecer.

- Quem é você? – Perguntou ele, enquanto um pânico mortífero começava a tomar conta de si .“Será um louco, um assassino ou algum mostro que simples decidirá acabar com a minha vida” – pensou Elliot.

- Isso não importa, meu caro Elliot – Disse ele sorriso de forma a mostrar os dentes na tentativa bem sucedida de parecer mais assustador – Mas se isso o ajudaria a se acalmar eu sou apenas um cobrador, meu nome é Daniel.

- Por que você está aqui? Não peguei dinheiro emprestado com ninguém e não tenho dívidas, principalmente com tipos parecidos com você – Disse ele como se as palavras pudesse o salvar ou pelo menos aliviar o seu pânico. Debatia-se cada vez mais contra as amarás.

O homem olhou para ele de forma demorada com olhos curiosos, seu rosto permanecia indecifrável e paralisado em uma expressão neutra, a única coisa que denunciava algum tipo mais claro de sua emoção era uma batida apreçada que fazia com o pé direito no chão, parecia apreçado ou estressado. Finalmente pareceu se cansar de analisar o sujeito então disse:

- Essa dívida é antiga e o senhor deve basicamente tudo que o senhor tem a ela – Disse ele completando a seguir – só vim cobrar o que o senhor prometeu, mas como parece não se lembra deixe-me refrescar a sua memória: 10 Julho de 1994 em uma festa da universidade Santa Elena.

“Mas que droga é essa . Essa noite porque ela, eu não consigo me lembrar de nada dela,além da música alta e o cheiro de licor inebriante daquele dia” pensou Elliot com sigo mesmo. Mas não estava sendo totalmente honesto, lembrava de mais uma coisa um pequeno borram de imagens soltas “ sangue sendo vertido, velas se apagando e a maior dor de sua vida ,a dor de sentir uma parte de si mesmo ser arrancada para sempre”.

- Eu não sei o que aconteceu nesse dia, mas não importa o valor que eu tiver pego emprestado eu pago eu juro .– Disse Elliot, mentindo de forma desesperada tentando de alguma forma acabar com todo aquele horror.

- Pode parar com as mentiras, nos dois sabemos que você se lembra do que a aconteceu naquela noite ou pelo menos parte dela – Disse Daniel, enquanto se levantava e com passos lentos se aproximava da cadeira de Elliot – e que falou em dinheiro? – completou olhando nos olhos de Elliot , seu rosto a alguns centímetros dele.

- Então o que eu te devo? – Perguntou ele em desespero tentando se libertar das amarás e principalmente da mão que se aproxima gradativamente do seu rosto.

- Você não me deve nada, sou apenas o cobrador, apesar de que agora você me deve o tempo que perdi aqui – disse Daniel puxando o rosto de Elliot para que olhasse, apenas para ele – mas você deve uma coisa muito importante para o meu chefe.

- O quê? – Perguntou ele ,seus músculos congelados e sua mente começando a silenciar gradativamente ,hipnotizada por aqueles olhos que cada vez mais perdiam a cor e escureciam até não sobrar nada a não ser um pequeno brilho nas profundezas daquela escuridão.

- você deve sua alma, meu caro. – disse Daniel.

Então finalmente tudo voltará os símbolos das paredes daquele quarto baixo, seu sangue sendo vertido em uma taça dourada e colocado naquele maldito altar enquanto aqueles alunos do último ano entoavam uma melodia disforme e insuportável. Era só pra ser um mito, um jogo bobo que diziam aumentar a sorte das pessoas e que um aluno desesperado no primeiro ano da faculdade de direito estaria mais do que disposto a fazer independente dos riscos.

“Acho que no fundo eu sabia, desde aquele dia tudo melhorar e mesmo que eu tentasse negar era por conta daquilo. Do dia em que eu perdera uma parte de mim, não que eu venderá quem eu sou por ganância” pensou ele fechando os olhos esperando o que viria a seguir.

Daniel olhou para aquele pequeno homem consegui ver o choque, a compreensão e o fim de suas esperanças estampada em seu rosto velho. Não tinha pena do homem, ele fizera suas escolhas e esse era o resultado, então não excitou enquanto tirava a faca de um dos bolsos do sobretudo e atingirá o coração do homem com a lâmina. A carne e os ossos cederam sem se quer um estalo, quando a lâmina entrou em um golpe limpo e rápido para acabar com a dor em um instante.

Deitou a cabeça de Elliot agora já sem vida na mesa e colocou a sua frente um pequeno frasco azulado sem tampa. Esperou alguns momentos enquanto a alma deixava o corpo ,disforme em um tom cinzento parecendo a fumaça de uma vela apagada bruscamente subindo em direção ao céu, mas sendo tragada para baixo pelo vento indo em direção ao receptáculo.

“Esta acabado” pensou Daniel, enquanto fechava o frasco e ia em direção a porta do apartamento. Apagou as luzes e fechou a porta do lugar, pensou em quem encontraria a cena, mas se limitou a pensar que amanhã Alex mandaria os funcionários da remoção para o lugar.

Começou a andar pelo quarto andar, cantarolando com sigo mesmo a música de sempre e a única que confortava seu coração em todos esses anos fazendo esse tipo de trabalho, sempre ajudava. Chegando a porta do elevador pegou o celular e digitou o número de Alex, após dois toques ele atendeu.

- Está feito e chega de trabalhos no final de semana, você sabe que não gosto de fazer esse tipo de coisa no meus dias de folga – Disse ele irritando com o superior idiota que sempre o fazia trabalhar durante suas folgas e dias livres.

- Tudo bem – Disse a voz cadavérica do outro lado da linha antes de desligar o celular

Guardou o celular no bolso e limitou-se a aperta o botão do elevador, voltando a cantarolar e tentava acalmar os ânimos. As portas se abriram e ele entrou no pequeno elevador pintado em cores pastéis indo em direção ao térreo.

A decida foi rápida, poucas pessoas saíram naquele horário perto da meia noite. Quando chegou ao térreo encontrou a entrada vazia sem sombra de ninguém por lá-“provavelmente o guarda estava na pausa” pensou ele pegando um cigarro no bolso aproveitando o momento de solidão para se deleitar com a fumaça em baforadas lentas.

Abriu a porta do prédio e contemplou a noite estrelada enquanto a fumaça subia, tudo se misturava em tons de azul e uma luz tão bela que fazia até o coração de um velho como ele se alegrar. Então foi até a calçada e deixou que todas as lembranças fossem embora e só restasse o frio da noite e aquele céu azul que o cercava.